

A espera de Robespierre

Mauro Santayana *

Todos os que sabiam pensar, sabiam prever: a França sob Luis XVI estava à espera de Robespierre. Pouco importa se houve 9 de Thermidor e se o poder do *Incorruptível* durou tão pouco. Nem é necessário lembrar que a Contra-Revolução levou a Bonaparte e Bonaparte, com a derrota em Waterloo, à Restauração. O mundo é assim mesmo, e a História esse ir-e-vir, esses círculos que se concentram e se discentram, como as águas do lago golpeadas pela pedra.

Desde 1756, quando o jovem Casanova chegou a Paris, depois de escapar do cárcere veneziano, a França se encaminhava para as cerimônias da morte na Praça da Greve. Muitos dos que viveriam o grande momento, como Robespierre e Saint-Just, não haviam ainda nascido. Mas a História preparava as atas da Revolução.

Casanova nos diz como eram dissolutos, já naqueles dias, os costumes; como a nobreza apodrecia no adultério e nos vícios, como os espertos tomavam conta do Estado. O jovem aventureiro mete-se nos negócios sujos, consegue a concessão para a exploração de loterias, contrata créditos oficiais junto a banqueiros estrangeiros (em Antuérpia e Amsterdã) e não perde o seu tempo, ou melhor, as suas noites. Ainda que a sua sedução fosse democrática e se dirigisse também a criadas e a mulheres da pequena nobreza, o veneziano preferia as damas da Corte que, mesmo naquele tempo, cheiravam melhor, posto que não trabalhavam.

O estilo Luis XV era a decoração adequada para aquela vida *sans souci*, mas as idéias começavam a reunir-se e a fermentar-se. Quando, em 1774, entra em cena Luis XVI, as coisas começam a caminhar com maior velocidade. Há uma jovem rainha que adora jóias e disso não faz segredo a ninguém, nem mesmo aos príncipes da Igreja (naquele tempo alguns deles entregues aos pedaços da carne, sempre mais desculpáveis do que outros) que, como o Cardeal de Rohen, sonham em fazer o rei *cocu*. O caso do colar da rainha, que todos conhecem, abriu a trilha da revolta. Os desastros econômicos e os impasses políticos promoveram a convocação dos Estados Gerais, e o Terceiro Estado acabou por conduzir o processo revolucionário.

Não há dúvida que cometeríamos um exagero se comparássemos a situação da França pré-revolucionária ao Brasil de nossos dias. Pelo que sabemos, os nossos cardeais não se ocupam em comprar colares de diamantes, mesmo que haja autoconsagrados bispos de seitas sincréticas dependendo os pobres e crédulos. Não temos reis, nem rainhas, embora o deputado Cunha Bueno sonhe com os, ou europeus monárquicos e o manto de bico-de-tucano que sua majestade imperial ostentava. Faltam-nos também os enciclopedistas, ainda que existam intelectuais que, como

Rouanet e Jaguaribe, se sintam melhor em nosso reduzido Versailles à beira do Lago de Paranoá.

Seria um exagero, um *despautério*, já que falamos em coisas antigas. Mas, conforme observa Casanova (um dos mais brilhantes repórteres da História), depois de jantar com famosíssimo vigarista que passava por mago e imortal, o conde de St. Germain, na Paris de então, o que contava era a impostura, mais do que a genialidade. Pelo menos nisso, e pelo menos no que à corrupção se refere, há mais semelhanças entre os dois tempos do que muitos imaginam. Assim como naquele tempo Necker tinha que sacrificar os recursos públicos, a fim de satisfazer a famosa *lista civil*, hoje, o sr. Paulo Cesar Farias é chamado a prover inúmeras despesas.

Vendo além dos cheques e das alcovas, não é isso o que nos assusta e nos faz ouvir os passos de Robespierre e a voz aguda e nervosa de Saint-Just, o *Arcanjo da Morte*, como lhe chamavam os contemporâneos. O que nos faz temer os ventos cheirando a sangue são os chamados indicadores sociais. Quando for paga a folha de julho, os trabalhadores de salário mínimo estarão recebendo menos de 40 dólares, enquanto a secretária do sr. PC, apenas para assinar (e assinar mal) cheques, recebeu, segundo os jornais, 30 milhões na folha de junho.

Trinta milhões não são nada, menos de 7.000 dólares, quando se pensa no faturamento das inúmeras empresas do sr. Farias, nas quais as despesas operacionais se resumem no pagamento de secretárias, telefonistas e pilotos. O sr. Paulo César, parafraseando Luis XIV, poderia dizer: "*L'entreprise de l'Etat, et l'Etat sommes nous, moi et mon partenaire inconnu.*"

O que assusta é o retorno de enfermidades que supúnhamos extintas, como a tuberculose; é a sega que a morte faz entre os recém-nascidos; é a onda de meningite; são os meninos que, sem escolas, sem lar e sem pão, saem para trabalho em que não lhes faltam as ferramentas, dimensionada a sua eficiência em calibres: 38, 45, 357, 7.65, 9 milímetros.

A Nação é a única soberana — repetirá inúmeras vezes, naqueles anos curtos, Robespierre —, e a Nação eram todos os que trabalhavam e produziam. Em novembro de 1792, seu parceiro no radicalismo, Saint-Just, constará que todos queriam a República (nós dizemos, hoje, a democracia), mas ninguém parecia disposto a aceitar a pobreza ou ser compelido à virtude. E em 3 de março de 1794, a quatro meses da morte junto a Robespierre, Saint-Just dirá que a felicidade era uma *idéia ainda nova* para a Europa. A felicidade, bem se entenda, de todos — e não a que pensavam desfrutar os amigos do rei e os amigos dos amigos do rei.

Será a felicidade uma *idéia ainda nova* para o Brasil? Pensando nos milhões e milhões (que nem sequer podem ler estas linhas), parece que sim.

* Jornalista